

lugar nenhum

neverwhere

Edição atualizada

Inclui introdução e conto inédito do autor

neil gaiman

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para Lenny Henry, amigo e colega,
que fez tudo acontecer pelo caminho;
e para Merrilee Heifetz, amiga e agente,
que torna tudo bom*

Nunca estive em St. John's Wood. Não me atrevo. Temeria a inumerável noite dos abetos, recearia encontrar uma taça vermelha como sangue e o bater das asas da Águia.

The Napoleon of Notting Hill, G. K. CHESTERTON

*Se deste meias ou sapatos
Então, todas e todas as noites
Senta-te e calça-os
E que Cristo receba a tua alma*

*Nesta noite, nesta mesma noite
Em todas as noites sem exceção
Fogo, abrigo e luz de vela
E que Cristo receba a tua alma*

*Se algum dia deste de comer e beber
Então, todas e todas as noites
O fogo nunca te fará mirrar
E que Cristo receba a tua alma*

The Lyke Wake Dirge, TRADICIONAL

INTRODUÇÃO A ESTE TEXTO



APOSTARIA QUE, MESMO QUE já tenham lido *Lugar Nenhum — Neverwhere*, não terão lido antes esta versão de *Lugar Nenhum — Neverwhere*.

Lugar Nenhum — Neverwhere nasceu, como estas coisas costumam acontecer, como uma série televisiva que me pediram que escrevesse para a *BBC*. E, mesmo que a série transmitida não fosse realmente má, confrontei-me uma e outra vez com a diferença entre o que se via no ecrã e o que tinha na cabeça. Um romance parecia a forma mais fácil de transferir o que tinha na minha cabeça para a de outras pessoas. Os livros têm essa vantagem.

O romance *Lugar Nenhum — Neverwhere* começou para mim enquanto fazíamos a série televisiva da *BBC* com o mesmo nome, mais ou menos como forma de manter a sanidade. Com cada cena cortada, com cada fala que desaparecia, com tudo o que era simplesmente alterado, anunciava: «Não há problema. Volto a pôr tudo no sítio no romance», e recuperava assim o meu equilíbrio. Isto continuou até ao dia em que o produtor me procurou e disse: «Vamos cortar a cena da página 24 e, se disseres *volto a pôr tudo no sítio no romance*, mato-te.»

A partir daí, só pensei no assunto.

O que queria fazer era escrever um livro que fizesse pelos adultos o que os livros que amei quando era mais jovem, como *Alice no País das Maravilhas*, ou os livros de Nárnia, ou *O Feiticeiro de Oz*, fizeram por mim

em miúdo. E queria falar sobre as pessoas que ficam à margem, sobre quem não tem nada, usando o espelho da fantasia, que, frequentemente, consegue mostrar-nos pela primeira vez coisas que vimos tantas vezes que acabamos por nunca as ver realmente.

Comecei a escrever o romance no dia em que principiámos a filmar a série, em janeiro, na cozinha do apartamento no Sul de Londres em que filmávamos. Acabei em maio, num hotel numa pequena cidade do Sul da Califórnia.

Foi publicado em agosto desse ano pela *BBC*. Quando a Avon Books quis publicá-lo, aproveitei a oportunidade para, no essencial, fazer uma segunda versão do romance. Tranquei-me num quarto de hotel no World Trade Center de Nova Iorque e escrevi durante uma semana, acrescentando material para os americanos que poderiam não saber onde ficava a Oxford Street ou o que encontrariam se a percorressem, desfrutando da oportunidade para rever o texto, ampliando-o e aprofundando-o onde pudesse. A minha editora na Avon Books, Jennifer Hershey, foi fantástica e perspicaz. As piadas foram o nosso principal desentendimento. Jennifer não gostava delas e tinha a certeza de que os leitores americanos não conseguiriam lidar com piadas num livro que não se destinava exclusivamente a ser engraçado. Também queria que eliminasse o segundo prólogo, onde conhecemos Croup e Vandemar pela primeira vez, antes do início da história, e, apesar de lhe sentir a falta, decidi que estava certa e passei a sua descrição para o fim do texto. (Volta a estar incluída aqui, no fim e na sua forma original, para os curiosos.)

Quando acabei, tinha acrescentado cerca de doze mil palavras e cortado vários milhares de termos diferentes. Eliminei algumas palavras com agrado. Senti a falta de outras.

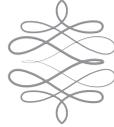
Esta versão de *Lugar Nenhum — Neverwhere*, composta a partir das várias versões do livro com a ajuda de Pete Atkins da Hill House Publishers, combina o texto britânico original e o texto americano. Depois, retirei algumas das redundâncias e criei uma versão nova e que espero que seja definitiva de *Lugar Nenhum — Neverwhere*, juntamente com uma dor de cabeça para os bibliógrafos.

Não escrevo continuações. Mesmo assim, o mundo de *Lugar Nenhum — Neverwhere* é um mundo a que espero regressar um dia. Num livro chamado *The Lost Rivers of London*, li sobre uma cama de latão encontrada um dia num esgoto. Até hoje, ninguém sabe de onde veio ou como lá foi parar.

Aposto que De Carabas sabe.

NEIL GAIMAN

P R Ó L O G O



NA NOITE ANTES DE ir para Londres, Richard Mayhew não se divertia.

Quando a noite começou, divertia-se. Gostou de ler os cartões de despedida e de receber os abraços de várias jovens senhoras relativamente atraentes suas conhecidas. Gostou dos avisos sobre os males e perigos de Londres e da oferta do guarda-chuva branco com o mapa do metropolitano de Londres estampado, que os rapazes lhe tinham comprado. Gostou das primeiras cervejas. Mas, depois, com cada cerveja seguinte, percebeu que se divertia cada vez menos. Até àquele momento sentava-se a tremer no passeio à frente do *pub* numa pequena cidade escocesa, avaliando os méritos contraditórios de vomitar ou não vomitar e não se divertindo mesmo nada.

Dentro do *pub*, os amigos de Richard continuavam a celebrar a sua partida próxima com um entusiasmo que, na opinião de Richard, começava a parecer sinistro. Continuou sentado no passeio e agarrou com firmeza no guarda-chuva fechado, pensando se ir para sul, para Londres, seria realmente boa ideia.

— Tem cuidado — disse uma voz envelhecida. — Vão pôr-te a andar antes de teres tempo para dizer Jack Robinson. Ou levam-te para dentro, não me surpreendia. — Dois olhos vivos fitaram de um rosto sujo e anguloso. — Estás bem?

— Sim, obrigado — disse Richard. Era um jovem de rosto fresco, com

cabelo escuro e ligeiramente encaracolado e grandes olhos cor de avelã. Tinha uma expressão estremunhada de quem acabara de acordar que o tornava mais atraente para o sexo oposto do que algum dia compreenderia ou acreditaria.

A expressão da face suavizou-se.

— Toma, coitadinho — disse ela, pondo uma moeda de cinquenta *pence* na mão de Richard. — Há quanto tempo andas pelas ruas?

— Não sou sem-abrigo — explicou Richard, envergonhado e tentando devolver a moeda à velha. — Por favor... tome o seu dinheiro. Estou bem. Só vim aqui para apanhar ar. Vou para Londres amanhã.

Olhou-o com desconfiança antes de aceitar os cinquenta *pence*, fazendo a moeda desaparecer por baixo dos casacos e xailes sobrepostos que a cobriam.

— Estive em Londres — contou. — Casei em Londres. Mas ele era má rês. A minha mãe disse-me que não casasse com alguém de fora, mas era nova e bela, mesmo que ninguém acredite hoje, e segui o coração.

— Aposto que sim — disse Richard, envergonhado. A certeza de que estava prestes a vomitar começava a esbater-se aos poucos.

— De muito me serviu. Fui sem-abrigo. Sei como é — disse a velha. — Foi por isso que pensei que eras. Porque vais para Londres?

— Tenho um emprego — disse-lhe, orgulhoso.

— A fazer o quê? — perguntou ela.

— Hum... Valores mobiliários — respondeu Richard.

— Eu era bailarina — referiu a velha, cambaleando atabalhoadamente pelo passeio enquanto cantarolava, desafinada. A seguir, balouçou para um lado e para o outro como um pião acabando de rodopiar e virou-se para Richard: — Estende a mão — disse-lhe — e leio-te a sina. — Obedeceu. A mulher segurou-lhe a mão com firmeza nos dedos envelhecidos. A seguir, pestanejou algumas vezes, como uma coruja que tivesse engolido um rato indigesto. — Tens um longo caminho à tua frente... — afirmou ela, intrigada.

— Londres — disse-lhe Richard.

— Não só Londres... — A velha hesitou. — Não qualquer Londres que conheça. — Começou a chover. A seguir prosseguiu, baixando a voz: — Desculpa — disse-lhe. — Começa com portas.

— Portas?

Anuiu com a cabeça. A chuva caiu com mais força sobre os telhados e o asfalto da rua.

— No teu lugar teria cuidado com as portas.

Richard levantou-se com alguma instabilidade.

— Muito bem — disse, sem saber como deveria alguém tratar informação daquele tipo. — Vou fazer isso. Obrigado.

A porta do *pub* abriu-se e a luz e o ruído escaparam para a rua.

— Richard? Sentes-te bem?

— Sim, estou ótimo. Só preciso de um segundo. — A velha já cambaleava pela rua abaixo, deixando que a chuva intensa a encharcasse. Richard sentiu que precisava de fazer alguma coisa por ela. Mas não podia dar-lhe dinheiro. Correu atrás dela, pela rua estreita abaixo. A chuva fria ensopava-lhe a cara e o cabelo. — Tome — disse. Procurou o botão no punho do guarda-chuva que o abria. Um clique e o guarda-chuva transformou-se num grande mapa branco do metropolitano de Londres, com cada linha traçada de uma cor diferente e com cada estação assinalada e identificada.

A velha pegou no guarda-chuva e sorriu, agradecida.

— Tens um bom coração — disse-lhe. — Às vezes isso chega para ficares seguro onde quer que vás. — E abanou a cabeça. — Mas, na maior parte das vezes, não. — Segurou o guarda-chuva com firmeza enquanto o vento ameaçava arrancar-lho da mão ou virá-lo do avesso. Prendeu-o nos braços e quase se dobrou pela cintura contra a chuva e o vento. A seguir afastou-se pela noite chuvosa, um círculo redondo coberto com nomes de estações de metro londrinas: Earl's Court, Marble Arch, Blackfriars, White City, Victoria, Angel, Oxford Circus...

Richard deu consigo a pensar, embriagado, se haveria realmente um circo em Oxford Circus: um circo real com palhaços, mulheres belas e animais perigosos. A porta do *pub* voltou a abrir-se: uma explosão ruidosa, como se o volume sonoro do *pub* tivesse sido colocado no máximo.

— Richard, grande otário. É a tua festa e estás a perder a diversão toda. — Voltou para dentro do *pub*. A vontade de vomitar perdeu-se entre toda a estranheza.

— Pareces uma ratazana afogada — comentou alguém.

— Nunca viste uma ratazana afogada — disse Richard.

Outra pessoa passou-lhe um *whisky* grande.

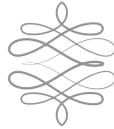
— Toma, bebe isto. Vai aquecer-te. Sabes que não vais encontrar *scotch* a sério em Londres.

— De certeza que vou — suspirou Richard. Pingava-lhe água do cabelo para a bebida. — Têm tudo em Londres. — E esvaziou o copo. Depois disso, alguém lhe trouxe outro e, a partir de então a noite tornou-se difusa

e fragmentada. Mais tarde, só se lembrou da sensação de sair de um sítio pequeno e sensato que fazia sentido, trocando-o por outro enorme e velho que não tinha qualquer dessas qualidades. E de vomitar sem parar sobre uma valeta por onde corria água da chuva, algures de madrugada. E de uma forma branca decorada com símbolos de cores estranhas, como um pequeno escaravelho redondo, que se afastava dele pela chuva.

Na manhã seguinte, Richard apanhou o comboio para Londres e iniciou a viagem de seis horas para sul, que o levaria aos estranhos pináculos e arcos góticos da Estação de St. Pancras. A sua mãe deu-lhe um pequeno bolo de noz que tinha feito para a viagem e um termos cheio de chá. E Richard Mayhew foi para Londres, sentindo-se péssimo.

1



FUGIA HÁ QUATRO DIAS, numa corrida frenética por passagens e túneis. Estava faminta e exausta, mais cansada do que um corpo conseguiria suportar. E cada nova porta se revelava mais difícil de abrir. Depois de quatro dias de fuga encontrou um esconderijo, uma pequena cova de pedra por baixo do mundo, onde ficaria segura, esperava. E, por fim, adormeceu.

O SR. CROUP TINHA contratado Ross no último Mercado Flutuante, que decorrerá na Abadia de Westminster.

— Pensa nele — disse ao Sr. Vandemar — como um canário.

— Canta? — perguntou o Sr. Vandemar.

— Duvido. Duvido sincera e completamente. — O Sr. Croup passou uma mão pelo seu cabelo ruivo, longo e liso. — Não, meu bom amigo. Era uma metáfora. Como os pássaros que levam para as minas. — O Sr. Vandemar acenou com a cabeça. A compreensão surgia devagar. Sim, um canário. O Sr. Ross não tinha qualquer outra semelhança com um canário. Era enorme, quase tão grande como o Sr. Vandemar, e extremamente sujo e bastante careca. Dizia muito pouco, apesar de ter feito questão de garantir aos dois que gostava de matar coisas e que era bom nisso. A afirmação divertiu o Sr. Croup e o Sr. Vandemar, tal como Gengis Khan poderia divertir-se com a bravata de um jovem mongol que tivesse pilhado recentemente

a sua primeira aldeia ou incendiado o seu primeiro *yurt*. Era um canário e nunca o imaginou. Por isso, o Sr. Ross foi à frente, com a sua *t-shirt* imunda e as calças de ganga enrijecidas pela sujidade. E Croup e Valdemar seguiram-no com os seus fatos brancos elegantes.

Existem quatro formas simples de o observador distinguir entre o Sr. Croup e o Sr. Vandemar. Em primeiro lugar, o Sr. Vandemar é duas cabeças e meia mais alto do que o Sr. Croup. Em segundo, o Sr. Croup tem olhos cor de porcelana azul esbatida, enquanto os olhos do Sr. Vandemar são castanhos. Em terceiro, enquanto o Sr. Vandemar criou os anéis que usa na mão direita com os crânios de quatro corvos, o Sr. Croup não usa joias visíveis. Em quarto, o Sr. Croup gosta de palavras, enquanto o Sr. Vandemar está sempre com fome. Além disso, não são nada parecidos.

Um restolhar na escuridão do túnel. A faca do Sr. Vandemar surgiu-lhe na mão e deixou de aí estar. Vibrava delicadamente quase a dez metros de distância. Aproximou-se da faca e pegou-lhe pelo punho. Havia uma ratazana cinzenta empalada na lâmina, abrindo e fechando a boca, impotente, enquanto a vida a deixava. Esmagou-lhe o crânio entre um dedo e o polegar.

— Uma ratazana que não voltará a meter a cauda onde não é chamada — disse o Sr. Croup. Riu-se da própria piada. O Sr. Vandemar não respondeu. — Ratazana. Cauda. Percebeste?

O Sr. Vandemar tirou a ratazana da lâmina e começou a mordê-la, pensativo. Começou pela cabeça. O Sr. Croup tirou-lha das mãos com uma palmada.

— Para com isso — disse. O Sr. Vandemar guardou a faca, um pouco carrancudo. — Ânimo — silvou o Sr. Croup como encorajamento. — Haverá sempre outra ratazana. Agora, em frente. Coisas para fazer. Pessoas para magoar.

TRÊS ANOS EM LONDRES não tinham mudado Richard, mas modificaram a forma como via a cidade. Originalmente, imaginava Londres como uma cidade cinzenta ou até negra, pelas fotografias que tinha visto. Surpreendeu-o encontrá-la cheia de cor. Era uma cidade de tijolo vermelho e pedra branca, de autocarros vermelhos e de grandes táxis pretos (que, muitas vezes, para espanto inicial de Richard, eram dourados, verdes ou cor de vinho), de berrantes marcos de correio vermelhos, de parques e cemitérios relvados de verde.

Era uma cidade em que o muito velho e o embaraçosamente novo se acotovelavam, não com desconforto mas sem respeito. Uma cidade de lojas, escritórios, restaurantes e casas, de parques e igrejas, de monumentos ignorados e de palácios notoriamente pouco palacianos. Uma cidade com centenas de bairros com nomes estranhos — Crouch End, Chalk Farm, Earl's Court, Marble Arch — e com identidades estranhamente distintas. Uma cidade suja, animada e perturbada, que se alimentava de turistas e precisava tanto deles como os desprezava, em que a velocidade de transporte média no seu interior não aumentara em trezentos anos, após cinco séculos de ampliações de ruas intermitentes, de compromissos pouco razoáveis entre as necessidades do tráfego, puxado por cavalos ou, mais recentemente, motorizado, e as necessidades dos peões. Uma cidade habitada por magotes de gente de todas as cores, tipos e disposições.

Quando chegou, achou Londres enorme, estranha, fundamentalmente incompreensível, onde só o mapa do metro, aquela elegante representação topográfica das ferrovias e estações subterrâneas, lhe conferia alguma ordem. Gradualmente, percebeu que o mapa era uma ficção útil que tornava a vida mais fácil, mas sem ter qualquer semelhança com a realidade da forma da cidade por cima. Como um partido político, pensou certa vez, orgulhoso. Depois, quando tentou explicar a semelhança entre o mapa do metro e a política, numa festa, a um grupo de desconhecidos espantados, decidiu que, no futuro, deixaria para outros o comentário político.

Continuou lentamente, por um processo de osmose e conhecimento branco (que é como ruído branco, mas mais informativo), a compreender a cidade, um processo que acelerou quando percebeu que a City de Londres propriamente dita não chegava aos três quilómetros quadrados, alongando-se de Aldgate, a leste, à Fleet Street e aos tribunais do Old Bailey, a oeste, um minúsculo município que albergava hoje as instituições financeiras londrinas e que era onde tudo tinha começado.

Dois mil anos antes, Londres fora uma pequena aldeia celta na margem norte do Tamisa, que os romanos encontraram e povoaram. Cresceu devagar até, cerca de mil anos antes, se juntar à minúscula cidade real de Westminster, imediatamente a oeste, e depois da construção da London Bridge uniu-se à cidade de Southwark, diretamente do outro lado do rio, continuando a crescer. Campos, florestas e pântanos desapareceram devagar sob a cidade em crescimento que continuou a expandir-se, unindo-se a outras pequenas aldeias e povoados enquanto crescia, como Whitechapel e Deptford, a leste, Hammersmith e Shepherd's Bush, a oeste, Camden e

Islington, a norte, Battersea e Lambeth, do outro lado do Tamisa, a sul, absorvendo-os a todos enquanto crescia, como uma poça de mercúrio que engole as gotículas deixando apenas os seus nomes para trás.

Londres tornou-se uma coisa enorme e contraditória. Era um bom sítio e uma bela cidade, mas havia um preço a pagar por todos os sítios bons e um preço que todos os sítios bons precisavam de pagar.

Após algum tempo, Richard deu consigo a ver Londres como garantida. Com o tempo, começou a orgulhar-se de não ter visitado qualquer dos monumentos (exceto a Torre de Londres, quando a sua tia Maude veio passar um fim de semana à cidade e Richard se viu transformado em acompanhante contrariado).

Mas Jessica mudou tudo isso. Richard deu consigo, em fins de semana que, de outra forma, teriam sido sensatos, a acompanhá-la a sítios como a National Gallery e a Tate Gallery, onde aprendeu que passar horas a andar por museus magoa os pés, que os grandes tesouros artísticos do mundo se misturam uns com os outros após algum tempo e que quase ultrapassa a capacidade de compreensão humana o preço que as cafetarias de museu cobram descaradamente por uma fatia de bolo e uma chávena de chá.

— Aqui tens o teu chá e o teu *éclair* — disse-lhe. — Teria sido mais barato comprar um Tintoretto.

— Não exageres — disse Jessica, animada. — Seja como for, não há Tintoretos na Tate.

— Devia ter pedido o bolo de cereja — referiu Richard. — Assim poderiam pagar mais um Van Gogh.

— Não — contrapôs Jessica, com rigor. — Não poderiam.

Richard conheceu Jessica em França, num fim de semana em Paris dois anos antes. Tinha-a descoberto, na verdade, no Louvre, enquanto tentava encontrar o grupo dos seus amigos do escritório que tinham organizado a viagem. Enquanto erguia a cabeça para olhar para uma escultura imensa, recuou e chocou com Jessica, que admirava um diamante extremamente grande e historicamente importante. Tentou pedir-lhe desculpa em francês, que não falava, e desistiu por isso mesmo, começando a pedir desculpa em inglês e, logo a seguir, tentando pedir desculpa em francês por ter pedido desculpa em inglês, até perceber que Jessica era tão inglesa como era possível que alguém fosse. Nesse momento já o tinha convencido a pagar-lhe uma sandes francesa cara e um inflacionado sumo de maçã com gás, como pedido de desculpa. E isso foi o início de tudo, no fundo. Depois, nunca

conseguiu convencer Jessica de que não era o tipo de pessoa que ia a galerias de arte.

Nos fins de semana em que não iam a galerias de arte ou museus, Richard seguia-a enquanto fazia compras e Jessica fazia-as, habitualmente, na rica Knightsbridge, a curta distância do seu apartamento numa cocheira convertida de Kensington. Richard acompanhava Jessica nas suas visitas a estabelecimentos tão imensos e assustadores como o Harrods ou o Harvey Nichols, lojas onde Jessica podia comprar qualquer coisa, de joias a livros e às mercearias do dia.

Richard sentia-se fascinado por Jessica. Era linda, frequentemente muito engraçada e era garantido que iria longe. E Jessica via em Richard um enorme potencial que, devidamente trabalhado pela mulher certa, o transformaria no perfeito acessório matrimonial. Se, pelo menos, fosse um pouco mais focado, murmurava para si mesma. E, por isso, dava-lhe livros com títulos como *Vestir para o Sucesso* e *Cento e Vinte e Cinco Hábitos de Homens de Sucesso*, e também livros sobre como gerir uma empresa como uma campanha militar. Richard agradecia sempre e tencionava sempre lê-los. No departamento de moda masculina do Harvey Nichols, Jessica escolhia-lhe o tipo de roupa que achava que devia usar e Richard usava-a. Durante a semana, pelo menos. Um ano depois do seu primeiro encontro, disse-lhe que achava que tinha chegado o momento de comprarem um anel de noivado.

— Porque andas com ela? — perguntou Garry, contabilista, onze meses depois. — É assustadora.

Richard abanou a cabeça.

— É encantadora. Depois de a conheceres bem.

Garry pousou o *troll* de plástico que tirou da secretária de Richard.

— Espanta-me que ainda te deixe brincar com estes.

— O assunto nunca foi abordado — disse Richard, erguendo uma das criaturas da sua secretária. Tinha cabelo cor de laranja fluorescente e uma expressão ligeiramente intrigada, como se estivesse perdido.

O assunto tinha sido abordado, na verdade. Mas Jessica convenceu-se de que a coleção de *trolls* de Richard era um sinal de excentricidade encantadora, comparável à coleção de anjos do Sr. Stockton. Estava ocupada a organizar uma exposição itinerante da coleção de anjos do Sr. Stockton e concluiu que os grandes homens colecionavam sempre alguma coisa. A verdade era que Richard não colecionava realmente *trolls*. Encontrara um *troll* na rua à frente do escritório e, numa tentativa vaga e bastante

ineficaz de injetar um pouco de personalidade no seu mundo laboral, colocara-o sobre o monitor do computador. Os outros seguiram-se durante os meses subsequentes. Prendas de colegas que tinham reparado que Richard apreciava as pequenas e feias criaturas. Aceitou as prendas e posicionou-as estrategicamente pela secretária, ao lado dos telefones e da fotografia emoldurada de Jessica. Naquele dia, a fotografia tinha um *post-it* amarelo colado.

Era sexta à tarde. Richard percebeu que os acontecimentos eram cobardes. Não ocorriam isolados. Em vez disso, moviam-se em bandos e atacavam-no em conjunto. Naquela sexta-feira específica, por exemplo. Era, como Jessica lhe tinha dito pelo menos doze vezes no mês anterior, o dia mais importante da sua vida. Não o dia mais importante da vida dela, claro. Esse viria um dia, no futuro, quando, e Richard não duvidava, a nomeariam primeira-ministra, rainha ou Deus. Mas era, sem dúvida, o dia mais importante da vida de Richard. Por isso era lamentável que, apesar do *post-it* que Richard tinha deixado na porta do frigorífico em casa e do outro *post-it* que tinha colado na fotografia de Jessica na sua secretária, se tivesse esquecido por inteiro.

Além disso, havia o Relatório Wandsworth, que estava atrasado e ocupava a maior parte dos seus pensamentos. Richard verificou outra coluna de números, reparou que a página 17 tinha desaparecido e voltou a imprimi-la. Outra página e soube que, se o deixassem em paz para o acabar... se, milagre dos milagres, o telefone não tocasse... Tocou. Ligou o altifalante.

— Estou. Richard? O diretor quer saber quando receberá o relatório.

Richard olhou para o relógio.

— Cinco minutos, Sylvia. Está quase acabado. Só tenho de anexar a projeção *P & L*.

— Obrigada, Dick. Vou buscá-lo. — Sylvia era, como gostava de explicar, «a assistente pessoal do diretor» e movia-se num ambiente de metuculosa eficiência. Richard desligou o telefone, que voltou a tocar logo a seguir.

— Richard — disse o altifalante com a voz de Jessica. — É a Jessica. Não te esqueceste, pois não?

— Não me esqueci? — Tentou lembrar-se do que poderia ter esquecido. Olhou para a fotografia de Jessica em busca de inspiração e encontrou toda a inspiração de que precisava com a forma de um *post-it* amarelo colado à sua testa na fotografia.

— Richard? Pega no auscultador.

Pegou no telefone, lendo o *post-it* enquanto o fazia.

— Desculpa, Jess. Não, não me esqueci. Às sete no Ma Maison Italiano. Encontramo-nos lá?

— Jessica, Richard. Não Jess. — Calou-se por um momento. — Depois do que aconteceu da última vez? Não me parece. Perdias-te no teu quintal, Richard.

Ele ponderou dizer-lhe que *qualquer pessoa* poderia ter confundido a National Gallery com a National Portrait Gallery e que não tinha sido *ela* a passar o dia inteiro de pé à chuva (que, na sua opinião, era tão divertido como andar por qualquer dos dois sítios até lhe doerem os pés), mas mudou de ideias.

— Encontramo-nos em tua casa — disse Jessica. — Podemos ir juntos.

— Certo, Jess. Jessica... Desculpa.

— *Confirmaste* a nossa reserva, não confirmaste, Richard?

— Sim — mentiu Richard com toda a convicção. O outro telefone na sua secretária começou a tocar de modo estridente. — Jessica, ouve, eu...

— Ótimo — disse Jessica, desligando. Richard gastou no anel de noivado de Jessica a maior quantia de dinheiro que alguma vez tinha despendido em alguma coisa, dezoito meses antes, num dos muitos balcões de joalheria do Harrods. Atendeu o outro telefone.

— Olá, Dick — disse Garry. — É o Garry. — Garry sentava-se a algumas secretárias de distância de Richard. Acenou-lhe da sua secretária magnificamente desprovida de *trolls*. — Confirma-se que bebemos um copo? Disseste que podíamos falar da conta Merstham.

— Desliga a porcaria do telefone, Garry. Claro que sim. — Richard pousou o telefone. Havia um número no fundo do *post-it*. Richard tinha escrito o *post-it* para si mesmo, várias semanas antes. E *tinha* feito a reserva. Quase de certeza. Mas não a confirmou. Quis fazê-lo, mas houve tanto trabalho e soube que havia muito tempo. Porém, os acontecimentos movem-se em bando...

Sylvia estava a seu lado.

— Dick? O Relatório Wandsworth?

— Quase pronto, Sylvia. Podes esperar só um segundo?

Acabou de marcar o número e suspirou de alívio quando alguém atendeu.

— Ma Maison. Posso ajudar?

— Sim — disse Richard. — Uma mesa para três pessoas para esta noite. Acho que a reservei. Se o fiz, estou a confirmar a reserva. Se não o fiz, é possível reservá-la? Por favor. — Não, não tinham qualquer reserva de mesa

para aquela noite em nome de Mayhew. Ou de Stockton. Ou de Bartram, o apelido de Jessica. Quanto à reserva de mesa naquele momento...

Não foram as palavras o que Richard achou mais desagradável. Foi o tom de voz com que a informação foi transmitida. Uma mesa para *aquela noite* deveria ter sido marcada anos antes. Talvez, ficava implícito, pelos pais de Richard. Uma mesa para *aquela noite* era impossível. Se o papa, o primeiro-ministro e o presidente de França chegassem naquela noite sem reserva confirmada, até eles seriam postos na rua com um esgar de troça continental. — Mas é para o patrão da minha noiva. Sei que devia ter ligado antes. Somos só três. Não pode...

Tinham desligado.

— Richard? — disse Sylvia. — O diretor está à espera.

— Achas — perguntou Richard — que me dariam uma mesa se voltasse a ligar e lhes oferecesse dinheiro por fora?

NO SONHO DELA ESTAVAM todos juntos na casa. Os seus pais, o seu irmão, a sua irmã mais nova. Estavam juntos na sala de baile e olhavam-na fixamente. Estavam todos tão pálidos, tão sérios. Portia, a sua mãe, tocou-lhe numa bochecha e disse-lhe que corria perigo. No sonho, Door riu-se e disse que sabia. A sua mãe abanou a cabeça: não, não... Corria perigo agora. *Agora.*

Door abriu os olhos. A porta abria-se muito silenciosamente. Susteve a respiração. Passos silenciosos na pedra. *Talvez não repare em mim*, pensou. *Talvez se vá embora.* A seguir pensou, desesperada: *Tenho fome.*

Os passos hesitaram. Sabia que estava bem escondida por baixo de uma pilha de jornais e trapos. E era possível que o intruso não lhe quisesse fazer mal. Pensou: *Não ouvirá o meu coração?* A seguir, os passos aproximaram-se mais, percebeu o que tinha de fazer e isso assustou-a. Uma mão puxou a sua cobertura e ergueu os olhos para uma cara inexpressiva e completamente desprovida de pelo. Rebolou e torceu-se e a lâmina da faca apontada ao seu peito atingiu-a na parte superior do braço.

Até àquele momento, nunca se achou capaz de o fazer. Nunca pensou que teria coragem suficiente, que sentiria medo suficiente ou desespero suficiente para se atrever. Mas levou uma mão ao peito dele e *abriu...*

O homem gemeu e caiu sobre ela. Era molhado, quente e escorregadio, e Door deslizou e saiu de baixo do homem, cambaleando para fora dali.

Susteve a respiração no túnel do outro lado, estreito e rasteiro, enquanto

caía contra a parede, ofegante. O que fez exigiu o que restava das suas forças. Estava esgotada. O seu ombro começava a palpitar. *A faca*, pensou. Mas estava a salvo.

— Vejam só — disse uma voz na escuridão, à sua direita. — Sobreviveu ao Sr. Ross. Nunca achei possível, Sr. Vandemar — segregou a voz. Tinha o som de lodo cinzento.

— Nem eu, Sr. Croup — soou uma voz seca à sua esquerda.

Uma luz acendeu-se e tremeluziu.

— Mas... — disse o Sr. Croup. Os seus olhos brilhavam na escuridão subterrânea. — Não nos sobreviverá.

Door deu-lhe uma joelhada violenta entre as pernas e começou a correr ao acaso, cobrindo o ombro esquerdo com a mão direita.

E continuou a correr.

— DICK?

Richard afastou a interrupção com um gesto. A vida passava a estar quase sob controlo. Só um pouco mais...

Garry voltou a dizer o seu nome.

— Dick! São seis e meia.

— São *o quê?* — Papéis, canetas, folhas de cálculo e *trolls* foram varridos para dentro da pasta de Richard. Fechou-a e correu.

Vestiu o casaco pelo caminho. Garry seguia-o.

— Então, vamos beber aquele copo?

— Copo?

— Combinámos sair esta noite para falar da conta Merstham. Lembras-te?

Era naquela noite? Richard hesitou por um momento. Decidiu que, se algum dia tornassem a desorganização um desporto olímpico, poderia ser desorganizado em representação da Grã-Bretanha.

— Garry — disse —, desculpa. Tenho de ir ter com a Jessica esta noite. Levamos o patrão dela a jantar fora.

— O Sr. Stockton? Dos Stocktons? O Stockton? — Richard acenou com a cabeça. Desceram as escadas a correr. — De certeza que vais divertir-te — disse Garry, sem qualquer sinceridade. — E como está o Monstro da Lagoa Negra?

— A Jessica é de Ilford, Garry. E continua a ser a luz e o amor da minha vida. Obrigado por perguntares. — Tinham chegado ao átrio e Richard

correu para as portas automáticas que, de modo espetacular, recusaram abrir-se.

— Passa das seis, Sr. Mayhew — disse o Sr. Figgis, o segurança do edifício. — Tem de assinar antes de sair.

— Não preciso disto — disse Richard a ninguém em particular. — A sério que não.

O Sr. Figgis cheirava vagamente a bálsamo medicinal e dizia-se que tinha uma coleção enciclopédica de pornografia *softcore*. Guardava as portas com um zelo que roçava a loucura, nunca tendo ultrapassado aquela noite em que um piso inteiro de equipamento informático desapareceu, juntamente com duas palmeiras em vasos e o tapete Axminster do diretor.

— Então o nosso copo fica cancelado?

— Desculpa, Garry. Pode ser segunda-feira?

— Claro. Pode ser. Até segunda.

O Sr. Figgis inspecionou as suas assinaturas e confirmou que não levavam computadores, palmeiras em vasos ou tapetes antes de pressionar um botão por baixo da sua secretária. As portas abriram-se.

— Portas — disse Richard.

O SUBCAMINHO RAMIFICOU-SE E dividiu-se. Escolheu a direção ao acaso, percorrendo túneis, correndo, cambaleando e serpenteando. Atrás dela caminhavam o Sr. Croup e o Sr. Vandemar, tão calma e alegremente como dignitários vitorianos de visita à exposição no Palácio de Cristal. Quando chegavam a uma encruzilhada, o Sr. Croup ajoelhava-se, encontrava o pingo de sangue mais próximo e seguiam-no. Eram como hienas que estafavam a sua presa. Podiam esperar. Tinham todo o tempo do mundo.

RICHARD TEVE SORTE, PARA variar. Apanhou um táxi preto conduzido por um motorista particularmente entusiasta que o levou a casa por um caminho improvável que envolvia ruas em que Richard nunca tinha reparado antes, discorrendo — como Richard descobriu que todos os taxistas londrinos discorriam sempre que tinham um passageiro vivo que falasse inglês — sobre os problemas do trânsito no centro de Londres, sobre a melhor forma de lidar com o crime e sobre os assuntos políticos espinhosos do dia. Richard saltou para fora do táxi, deixando uma gorjeta e a sua pasta para trás, mas conseguindo voltar a parar o carro antes de alcançar a rua

principal para recuperar a pasta. A seguir, subiu as escadas a correr e entrou no seu apartamento. Já se despia enquanto entrava no corredor. A sua pasta voou e aterrou no sofá. Tirou as chaves do bolso e pôs-as com cuidado na mesa do corredor para assegurar que não as esqueceria.

Entrou a correr no quarto. Ouviu a campainha. Vestido com três quartos do seu melhor fato, lançou-se para o intercomunicador.

— Richard? É a Jessica. Espero que estejas pronto.

— Oh, sim. Já desço. — Vestiu um casaco e correu, batendo com a porta depois de sair. Jessica esperava-o ao fundo das escadas. Esperava-o sempre ali. Não gostava do apartamento de Richard. Fazia-a sentir-se desconfortavelmente feminina. Havia sempre a possibilidade de encontrar a roupa interior de Richard em qualquer parte, além dos pingos de pasta de dentes solidificados no lavatório. Não, não era um sítio para Jessica.

Jessica era muito bela. Tanto que, de vez em quando, Richard dava consigo a olhá-la fixamente e a pensar: *Como acabou ela por ficar comigo?* E, quando faziam amor, o que acontecia no apartamento de Jessica na refina-da Kensington, na cama de latão de Jessica com os lençóis engomados de linho branco (porque os pais de Jessica lhe tinham dito que os edredões de penas eram decadentes), às escuras, abraçava-o depois com muita força e os seus longos cabelos castanhos caíam-lhe sobre o peito e sussurrava-lhe como o amava e ele dizia-lhe que a amava e que queria ficar sempre com ela, e ambos acreditavam que era verdade.

— CURIOSO, SR. VANDEMAR. Abranda.

— Abranda, Sr. Croup.

— Deve perder muito sangue, Sr. V.

— Sangue encantador, senhor C. Sangue encantador e molhado.

— Não faltará muito.

Um clique: o som de uma ponta e mola a abrir, vazio, solitário e sombrio.

— RICHARD? O QUE fazes? — perguntou Jessica.

— Nada, Jessica.

— Não voltaste a esquecer-te das chaves, pois não?

— Não, Jessica. — Richard deixou de passar as mãos pelo corpo e enfiou-as nos bolsos do casaco.

— Quando conheceres o Sr. Stockton esta noite — disse Jessica —, tens de reconhecer que não é apenas um homem muito importante. É também uma entidade empresarial de pleno direito.

— Mal posso esperar — suspirou Richard.

— O quê, Richard?

— Mal posso esperar! — exclamou Richard, com muito mais entusiasmo.

— Ora, mais ânimo — disse Jessica, que começava a dar sinais de uma aura que, numa mulher inferior, quase poderia ser descrita como nervos. — Não podemos deixar o Sr. Stockton à espera.

— Não, Jess.

— Não me chames isso, Richard. Odeio diminutivos. São tão indignos.

— Têm uma moedinha? — O homem estava sentado à porta. A sua barba era amarela e cinzenta e os olhos encovados e escuros. Um letreiro escrito à mão pendurava-se do pescoço com um pedaço de cordel desfiado e repousava-lhe sobre o peito, dizendo a quem tivesse olhos para ler que era sem-abrigo e que tinha fome. Não era preciso um letreiro para dizer aquilo. Richard, já com a mão no bolso, procurou uma moeda.

— Richard, não temos tempo — disse Jessica, que doava à caridade e fazia investimentos éticos. — Quero que causes boa impressão como noivo. É crucial que um futuro esposo cause boa impressão. — A seguir franziu a cara e abraçou-o por um momento, dizendo: — Oh, Richard. Amo-te *mesmo*. Sabes isso, não sabes?

E Richard acenou com a cabeça. E sabia.

Jessica olhou para o relógio e acelerou o passo. Richard atirou discretamente uma moeda de uma libra ao ar na direção do homem à porta, que a apanhou com uma mão imunda.

— Não houve problema com a reserva, pois não? — perguntou Jessica. E Richard, que não era muito bom a mentir quando confrontado com uma pergunta direta, disse:

— Ah!...

TINHA ESCOLHIDO MAL. O corredor terminava numa parede vazia. Normalmente, isso não a teria feito hesitar, mas estava tão cansada, tão faminta, com tantas dores... Encostou-se à parede, sentindo o tijolo áspero contra a cara. Recuperava fôlego, tinha soluços e chorava. O seu braço estava frio e a mão esquerda dormente. Não conseguia continuar e o mundo

começava a parecer-lhe muito distante. Queria parar, deitar-se e dormir durante cem anos.

— Pela minha pequena alma negra, Sr. Vandemar. Vê o mesmo que eu?
— A voz era suave, próxima. Estariam mais perto dela do que imaginava. — Avisto, com o meu olho, algo que estará...

— Morto dentro de um minuto, Sr. Croup — disse a voz fria por cima dela.

— O nosso diretor ficará encantado.

E a rapariga puxou pelo que conseguiu encontrar nas profundezas da sua alma, a partir de toda a dor, mágoa e medo. Estava gasta, esgotada, completamente exausta. Não tinha sítio para onde ir, não lhe restava força nem tempo. *Se for a última porta que abro*, implorou em silêncio ao Templo, ao Arco. *Algures... qualquer sítio... seguro...* A seguir pensou, desvairada: *Alguém*.

E, enquanto começava a desmaiar, tentou abrir uma porta.

À medida que a escuridão a engolia, ouviu a voz do Sr. Croup, como se estivesse muito distante. Disse:

— Maldição.

JESSICA E RICHARD PERCORRERAM a rua em direção ao restaurante. O braço dela estava entrelaçado no dele e caminhava tão depressa quanto os seus saltos permitiam. Richard apressou-se para conseguir acompanhá-la. Os candeeiros públicos e as montras de lojas fechadas iluminavam o seu caminho. Passaram um quarteirão de edifícios altos e imponentes, abandonados e solitários, cercados por uma parede alta de tijolo.

— Dizes-me mesmo que tiveste de lhes prometer mais cinquenta libras pela nossa mesa desta noite? És um idiota, Richard. — Os olhos escuros de Jessica brilharam. Não estava sequer ligeiramente divertida.

— Tinham perdido a minha reserva. E disseram que todas as mesas estavam ocupadas. — Os seus passos ecoavam das paredes altas.

— É provável que nos sentem perto da cozinha — suspirou Jessica. — Ou da porta. Disseste-lhes que era para o Sr. Stockton?

— Sim — respondeu Richard.

Jessica suspirou. Continuou a arrastá-lo enquanto uma porta se abria na parede, alguma distância à sua frente, e alguém saía e cambaleava por um momento longo e terrível antes de desabar sobre o betão. Richard estremeceu e parou de repente. Jessica puxou-o para que continuasse.

— Quando falares com o Sr. Stockton, não podes interrompê-lo. Ou discordar dele. Não gosta que discordem dele. Quando disser uma piada, ri-te. Se não perceberes se fez uma piada, olha para mim. Eu... hum... bato com o indicador.

Tinhm chegado à pessoa no passeio. Jessica passou sobre a forma tombada. Richard hesitou.

— Jessica?

— Tens razão. Ele pode achar que estou aborrecida — refletiu. — Já sei — exclamou, animada. — Se disser uma piada, esfrego o lóbulo da orelha.

— Jessica?! — Richard não acreditava que ela ignorava, pura e simplesmente, a figura a seus pés.

— Que foi? — Não lhe agradou ser arrancada à sua fantasia.

— Olha.

Apontou para o passeio. A pessoa estava de barriga para baixo, coberta por roupas volumosas. Jessica pegou no braço de Richard e puxou-o para si.

— Ah, estou a ver. Se lhes deres atenção, Richard, fazem o que querem de ti. Todos eles têm casas, na verdade. Depois de dormir, de certeza que ela ficará ótima. — *Ela?* Richard olhou para baixo. Era uma rapariga. Jessica continuou. — Disse ao Sr. Stockton que... — Richard pousou um joelho no chão. — Richard? Que fazes?

— Não está bêbada — constatou Richard. — Está ferida. — Olhou para as pontas dos dedos. — Está a sangrar.

Jessica baixou o olhar para ele, nervosa e intrigada.

— Vamos chegar tarde — referiu.

— Está *ferida*.

Jessica voltou a olhar para a rapariga no passeio. Prioridades. Richard não tinha prioridades.

— Richard, vamos chegar tarde. Outra pessoa virá. Outra pessoa a ajudará.

As faces da rapariga estavam cobertas com terra e tinha as roupas húmidas com sangue.

— Está ferida — disse ele, sem mais. Havia uma expressão na sua cara que Jessica nunca tinha visto.

— Richard — advertiu. A seguir, recuou um pouco e ofereceu uma solução de compromisso. — Então liga para o 999¹ e chama uma ambulância. Depressa.

¹ 999 é o número de emergência utilizado no Reino Unido. É o equivalente ao número 112 em Portugal e restantes países da União Europeia. (N. de T.)

Subitamente, a rapariga abriu os olhos, brancos e grandes numa cara que era pouco mais do que um borrão de pó e sangue.

— Não para um hospital, por favor. Vão encontrar-me. Levem-me para um sítio seguro. Por favor. — A sua voz era débil.

— Estás a sangrar — disse Richard. Tentou ver de onde tinha vindo, mas a parede vazia era de tijolo intacto. Voltou a olhar para a sua forma imóvel e perguntou: — Porque não para um hospital?

— Ajudam-me? — sussurrou a rapariga, fechando os olhos.

Richard voltou a perguntar-lhe:

— Porque não queres ir a um hospital? — daquela vez não houve qualquer resposta.

— Quando chamares a ambulância — disse Jessica —, não dês o teu nome. Podem querer que prestes declarações ou coisa parecida e chegamos tarde. Não permito que a noite seja arruinada por... Richard? O que estás a fazer?

Richard tinha erguido a rapariga, aninhando-a nos braços. Era surpreendentemente leve.

— Levo-a para a minha casa, Jess. Não posso deixá-la. Diz ao Sr. Stockton que sinto muito, mas foi uma emergência. De certeza que vai compreender.

— Richard Oliver Mayhew — disse Jessica, friamente. — Pousa imediatamente essa pessoa jovem e volta aqui. Ou este noivado acaba agora mesmo. Estou a avisar-te...!

Richard sentiu o calor pegajoso do sangue ensopando-lhe a camisa. Às vezes, percebeu, não era possível fazer nada. Continuou a andar.

Jessica ficou parada no passeio, vendo-o arruinar a sua grande noite, com os olhos cheios de lágrimas. Após algum tempo desapareceu de vista e só então disse, com voz alta, clara e nada feminina:

— Merda.

Atirou a mala ao chão com toda a força, espalhando o telemóvel, o batom, a agenda e um punhado de tampões pelo cimento. A seguir, porque não havia mais nada a fazer, apanhou tudo e voltou a guardar os objetos na mala, dirigindo-se ao restaurante para esperar pelo Sr. Stockton.

Mais tarde, enquanto bebia o seu vinho branco, tentou pensar em desculpas plausíveis para o seu noivo não estar com ela e deu consigo a pensar desesperadamente se poderia ou não dizer simplesmente que Richard tinha morrido.

— Foi muito repentino — disse Jessica, melancólica, entredentes.

RICHARD NÃO PAROU PARA pensar em nenhum momento da sua caminhada. Não era nada que pudesse controlar. Algures na parte sensata da sua cabeça, alguém, um Richard Mayhew normal e sensato, dizia-lhe a que ponto estava a ser ridículo: que devia ter chamado a polícia ou uma ambulância; que era perigoso pegar numa pessoa ferida ao colo; que tinha irritado Jessica com gravidade; que teria de passar aquela noite no sofá; que arruinava o seu único fato bom; que a rapariga tinha um cheiro horrível... Mas continuava a pôr um pé à frente do outro e, com os braços hirtos e as costas doridas, ignorando os olhares dos transeuntes, continuou a andar. Após algum tempo estava no piso térreo do seu edifício, cambaleava pelas escadas acima, erguia-se à porta do seu apartamento e percebia que tinha deixado as chaves na mesa do corredor, lá dentro...

A rapariga estendeu uma mão imunda e a porta abriu-se.

Nunca achei que ficaria feliz por a porta não se ter fechado bem, pensou Richard. E levou a rapariga para dentro, fechando a porta atrás dele com o pé. Deitou-a na sua cama. A frente da sua camisa estava ensopada em sangue.

Parecia meio consciente. Tinha os olhos fechados, mas as pálpebras palpitavam. Despiu-lhe o casaco de cabedal. Tinha um corte longo no alto do braço esquerdo e no ombro. Richard susteve a respiração.

— Ouve, vou chamar um médico — disse em voz baixa. — Ouves-me? Ela arregalou os olhos, assustada.

— Não, por favor. Vou ficar bem. Não é tão mau como parece. Só preciso de dormir. Nada de médicos.

— Mas o teu braço... o teu ombro...

— Vai ficar bem. Amanhã. Por favor? — Era pouco mais que um sussurro.

— Hum... suponho que sim. Está bem. — E, com a sanidade começando a manifestar-se, disse-lhe: — Olha, posso perguntar...?

Mas a rapariga adormecera. Richard tirou um velho cachecol da escola do seu armário e enrolou-lho com firmeza ao topo do braço esquerdo e do ombro. Não queria que se esvaísse em sangue antes de poder levá-la a um médico. A seguir, saiu em bicos de pés do seu quarto e fechou a porta. Sentou-se no sofá à frente da televisão e pensou no que tinha feito.